

Mesa-redonda: "Educação e Patrimônio: Cultura Material como Suporte de Memória"

## Vitrine de Guardados: exposições de escritas ordinárias como estratégia de preservação da memória escolar

ANA CHRYSTINA VENANCIO MIGNOT

Professora do Programa de Pós-graduação em Educação na UERJ e pesquisadora do CNPq

1 - Este texto retoma reflexões já desenvolvidas em outros trabalhos de minha autoria como, por exemplo, "Notas sobre escola, memória, escrita cotidiana". In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org) *Traços da escola: memória e escrita cotidiana*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. (prelo); *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: UERJ/Rede Sirius, 2003, e "A escrita nossa de cada dia: sonhos impressos em iniciativas de preservação da memória escolar". In: *II Seminário Internacional – as redes de conhecimento e as tecnologias: imagem e cidadania*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. (Cdrom)

2 - Memória da escrita cotidiana, realizada no Centro Cultural da Universidade do

Fugindo ao destino que têm as escritas cotidianas – condenadas à destruição, ao abandono e ao esquecimento –, cartas, agendas, diários, autobiografias, cadernos, bilhetes, cartões e fotografias, que foram exibidos em exposições de escritas ordinárias das quais participei da curadoria, foram preservados por pessoas comuns, permitindo, aos que guardaram, um reencontro com a própria história. Em suas páginas amareladas estão as marcas do tempo. [1]

Por estes papéis, exibidos em *Memória da Escrita Cotidiana e Papéis Guardados*, [2] juntamente com os lápis ou as canetas, deslizaram sonhos, expectativas, costumes, crenças, práticas, projetos, desejos, inquietações, segredos. Gavetas, caixinhas e fundos de armários eram até então os refúgios dos papéis reunidos, emprestados por amigos, professores e alunos da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professoras da rede municipal de educação de Niterói que enquanto discutiam a importância da preservação de documentos produzidos no e sobre o espaço escolar, remexeram baús de memórias pessoais e familiares.

Diferentemente do que poderiam supor, alunos e alunas encontraram inúmeros registros da intimidade e escolares e, depois de conversar com aqueles que preservaram estes papéis, trouxeram para a sala de aula documentos acompanhados de relatos de alegria, medo, angústia e ansiedade que marcaram as práticas educativas e as práticas de escrita. Movidas pela curiosidade, leram estes guardados, descobriram as marcas do tempo, da história e da escolarização. As exposições constituíram-se, assim, em convite também para folhear os velhos papéis lembrando que estes documentos, aparentemente sem nenhuma importância, testemunham nossos modos de aprender, ensi-

*Estado do Rio de Janeiro, em 2002, foi organizada por Antonio Castillo Gómez e Ana Chrystina Venancio Mignot. "Papéis guardados" foi inaugurada em 2003, durante o XXV International Standing Conference for the History of Education, na Vila Penteado, em São Paulo, posteriormente, foi realizada no Centro Cultural Paschoal Carlos Magno, em Niterói, com o apoio da Fundação Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Cultura de Niterói, eventos nos quais atuei como curadora.*

nar, conviver, pensar, sentir, registrar e preservar e, por isso, interessam a todos que procuram compreender a história e a história da educação.

Proporcionar a reflexão sobre as práticas da escrita na vida cotidiana e socializar as pesquisas sobre os usos, práticas e formas de preservação da escrita foram os objetivos das exposições que colocaram em foco os diferentes espaços onde se aprende e exercita o ato de escrever. Divididas em seções, trouxeram à cena as escritas escolares de professores, as escritas escolares de alunos, as escritas domésticas, as escritas de viagens, as escritas íntimas e as escritas de crianças e jovens e permitiram, mais do que mapear uma série de escritos acumulados por inúmeras pessoas, iniciar uma reflexão teórica sobre as escritas ordinárias, especialmente as escritas produzidas na escola e sobre a escola. [3]

Para examinar estas exposições como estratégias de preservação da memória escolar, pretende-se, inicialmente, contextualizá-las no âmbito de recentes iniciativas nacionais e estrangeiras de preservação da memória escrita. Para tanto, serão examinados impressos de divulgação de exposições, considerando as finalidades, temáticas, títulos e imagens presentes. Num segundo momento, volta-se para os diferentes documentos escolares de alunos, presentes em arquivos pessoais, procurando sinalizar para algumas possibilidades de estudo que apresentam.

#### EXPOSIÇÕES COMO ESTRATÉGIA PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ESCOLAR

A realização de exposições sobre a escrita cotidiana pressupunha um trabalho anterior de coleta e seleção do material. Inicialmente, os alunos trouxeram diversos tipos de escritos que foram obtidos com familiares e amigos. Pouco depois, divulgamos cartazes e e-mails para alunos e professores solicitando a colaboração dos mesmos: *Consulte seus velhos papéis!!! ou Converse com seus avós!!! Participe da exposição!* [4]

Rapidamente chegaram às nossas mãos textos guardados por muito tempo: diários de classe, diários profissionais, álbuns, fichas de aulas, cadernetas de notas, boletins escolares, planos de curso, anotações de leituras, cadernos de atividades, relatórios anuais, cadernos de exercícios, de ditado, de caligrafia, de cópia, de deveres de casa, textos escolares, provas, cola, listas de compras, cadernos de contabilidade doméstica, cadernos de receitas, bilhetinhos trocados no ambiente doméstico, jornaizinhos familiares, diários de viagens, postais e cartas, álbuns de recordações, cadernos de perguntas, cadernos de poesias, agendas e diários, entre outros.

3 - Alunos do Curso de Pedagogia e da Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Pós-Graduação em História da Universidade de Alcalá, que produziram textos: "Diários profissionais: o mundo da voz e do ouvido", de Elaine Constant Pereira; "Cadernos de registros: magistério ao longo dos dias", de Maria Clara Vital Pavão Brilhante; "Dos

Em “Memória cotidiana de la escritura” em Alcalá de Henares, em 1996, na qual nos inspiramos, também no seu processo de organização saiu da carência para a profusão de documentos. Antonio Castillo Gómez destacou, no folder, que os papéis se avolumaram na medida em que *la voz se fue corriendo y al final hemos tenido que descartar parte de lo que se nos há prestado. Tal vez em um futuro, si alguna institución se siente atraída por la idea y está dispuesta a invertir algo de dinero, se puede reconstruir una memoria cotidiana de la escritura mucho más rica que ésta. Mientras llega el día, si alguien se anima a colaborar con nosotros, solo tiene que buscarnos.*

É importante observar que graças a estratégias como esta e, muitas vezes de maior envergadura, se originaram acervos de algumas instituições como por exemplo o da Biblioteca Pedagógica di Firenze, na Itália, que foi reunido inicialmente, por ocasião da Mostra Didattica Nazionale, em 1925, como observou Davide Montino (2002). Outras instituições lançam mão de exposições para ampliar seus acervos. O Museo de las Escuelas, na Argentina, solicitou fotografias, objetos, livros e cadernos, como pode ser visto no folder de “Lo que el borrador no se llevó”, realizada no início de 2003, promovida pela Universidad Nacional de Lujan, que tendo à frente Héctor Rubén Cucuzza, sensibilizou a população para efetuar doações visto que estes documentos muitas vezes são destruídos por se desconhecer a importância que têm para o estudo de tempos pretéritos:

Tal vez a vos no te gusta guardar las cosas viejas. Tal vez de los que guardan y después no saben donde poner tantas cosas. Quizá hayas visto em el armário de la abuela, um tintero involucable que nunca te dejó tocar. Quizá también hayas encontrado um libro de lectura viejo, sin color, com algunos cuentos que te hicieron reír o uma carpeta com bordado que hiciste em jardín. Puede que jamás vuelto a ver esas cosas luego de alguna mudanza.

Museus escolares e centros de memória e documentação da educação brasileiros também têm lançado mão de exposições colocando em evidência os seus acervos o que contribui para a divulgação da importância dos documentos escolares para a produção do conhecimento científico. Para citar apenas dois exemplos, em 2002, em Florianópolis, Maria Teresa Santos Cunha promoveu em parceria com o Museu da Escola Catarinense, da Universidade do Estado de Santa Catarina, a exposição “Memórias e escritas das pessoas comuns” com o objetivo de propiciar uma reflexão sobre os *usos e modos de*

*diários de classe às salas de aula: escritas profissionais de professoras”, de Luis Carlos Ferreira; “Papéis tingidos pelo tempo: boletins e cadernetas escolares”, de Antonia Simone Coelho Gomes “Cadernos escolares: entre tarefas, saberes e ensinamentos”, de Luana de Souza Siqueira; “Revelando sonhos: escrita coletiva de jovens em cadernos de perguntas”, de Therezinha de J. Conde Pinto; “Rompendo o silêncio de sujeitos comuns em álbum de memórias”, de Suzana Brunet Camacho; “Aposte na sorte! destinos aprisionados em cadernos”, de Bárbara Trindade; “Fragmentos de memória - a escrita enquanto possibilidade de documentação da vida de pessoas que não escrevem”, de Leonor Cardoso Rosa; “Cartas femeninas en el siglo XVI: el epistolario”, de Ana Dietrichstein de Vanessa de Cruz Medina; e “Los manuales epistolares en la España contemporánea: una aproximación a su estudio”, de Verónica Sierra Blas.*

4 - Conheça melhor seus avós. Sente-se com eles e reveja cadernos e

cadernetas escolares, agendas, diários íntimos, maços de cartas, cadernos de receitas, postais, cartões e certidões diversas, que eles guardaram no fundo do armário ou numa caixinha escondida na gaveta.

5 - Consultar, entre outros, análise de PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. 2000.

*escrever assim como os materiais, objetos ou signos utilizados no espaço social em que tais atos se produzem* e, ao promover a visibilidade das escritas ordinárias, contribuir para ampliar a noção de documento histórico e divulgar as iniciativas de salvaguarda e conservação destas escritas. O Museu da Escola do Centro de Referência do Professor de Minas Gerais com uma experiência de longa data na organização da documentação escolar mineira, [5] recentemente, com a curadoria de Francisca Isabel Maciel promoveu a exposição "Ler, escrever e contar...[a história da alfabetização em Minas Gerais]" objetivando convidar os visitantes a refletirem sobre *parte do sentimento de Minas diante da luta da aprendizagem da leitura e da escrita contra o fracasso escolar (s/p)*.

Estas exposições se inscrevem no âmbito de outras iniciativas que tentam valorizar os estudos sobre a escrita das pessoas comuns. Na França, a Association pour l'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique, desde 1980, sob a liderança de Philippe Lejeune, tem recebido diários, memórias e autobiografias, valendo-se de apelos, por intermédio do rádio e artigos na imprensa, o que tem permitido reunir textos autobiográficos que não despertariam interesse da indústria editorial que chegam das diferentes regiões do país e são lidos por um grupo de leitura responsável pela elaboração de resenhas. A associação edita um jornal quadrimestral, organiza mesas-redondas e, no verão, promove jornadas de autobiografia:

Todos os anos, no fim de junho ou começo de julho, vemos os textos que lemos se tornarem homens e mulheres de carne e osso: os encontros de Ambérieu não têm nada a ver com seminários. Durante dois dias, em torno de oficinas, de espetáculos, e de boas mesas, todos ficam se conhecendo. O autor descobre desconhecidos que conhecem sua vida íntima, ou a história de sua família, não melhor que ele, mas tão bem que é perturbador...(Lejeune,1997, p. 118)

O quadro de escassez documental vem se modificando nos últimos anos a partir de iniciativas desenvolvidas em diferentes países em favor da valorização e conservação da memória das pessoas comuns como é o caso também do Archivo de la Escritura Popular da Associação Etnográfica Bajo Duero, em Zamora na Espanha, que promoveu a campanha "Los papeles de los abuelos" com a finalidade de reproduzir ou custodiar diários, cadernos, cartas, memórias, enfim escritas ordinárias para que não se percam para sempre, explican-

do que contêm não só a vida de familiares, mas registram costumes, modos de pensar, luta pela sobrevivência, guerras e emigrações que permitem compreender a história do ponto de vista de personagens geralmente esquecidos:

Cartas, diários, memórias, agendas, cuadernos escolares, libros de cuentas, recetarios... Nuestros padres y nuestros abuelos dejaron rastros de su vida em papeles que solo se han salvado de la destrucción cuando las siguientes generaciones se preocuparon por conservarlos, tal vez olvidados em cajones o desvanes. Pero si nosotros no nos ocupamos también, si nadie va a poder leer aquellas escrituras, esos papeles se acabarán perdiendo para siempre.

Na Itália, o Museu Storico de Trento produziu digitalmente o Catálogo dell'Archivio della Scrittura Popolare, com cartas, cadernos, agendas, diários e outros escritos que permitem compreender especialmente os períodos de guerra. Promoveu também dois seminários, em 1991 e 1993, para discutir especificamente a escrita de crianças e jovens: "La scrittura bambina" e "Piccolli scrivani: scritture nel tempo dell'infanzia e dell'adolescenza", dedicando atenção especial não só à aprendizagem da escrita, mas às intenções educativas, práticas escolares, tradições familiares pretendendo assim compreender tanto a história da alfabetização, quanto a história da família e da própria infância, como assinalou Quinto Antonelli (1999).

No livro resultante do primeiro evento, e do qual participam Dominique Julia, Philippe Lejeune, Jean Hébrard, Cláudio Rosati, Patrizia Cordin, Gian Bruno Ravenni, Michele Cortelazzo, entre outros, os organizadores chamaram a atenção, na apresentação para o fato de que a escrita infantil não era objeto de análises até o início da década de 1980, indicando que documentos produzidos pela pena infantil eram material pouco digno de estudo revelando assim o pouco interesse pela cultura não adulta (Antonelli e Becchi, 1993). Na mesma perspectiva, em seu artigo, Dominique Julia (1993) observou que trabalhar com a escrita infantil e juvenil numa perspectiva histórica é extremamente difícil, pois a documentação de períodos mais antigos é rara e, talvez, não haja outro campo da história com uma taxa de conservação de documentos tão baixa quanto esta. Ele lembra, no entanto, que o acesso a tais produções se dá geralmente por intermédio da literatura autobiográfica, que sabemos rica de detalhes sobre a infância, a família e a escola.

Ainda na Itália, numa pequena aldeia da Toscana, onde os arquivos da

6 - *Arquivos europeus de escrita popular foram objeto de análise cuidadosa de vários autores no nº 38 da revista Archivos em 2000 e, particularmente, o artigo de CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Um archipiélago desconhecido. Archivos y escrituras de la gente común. (2000).*

7 - *Para Antonio Castillo Gómez, a História da Cultura Escrita se define pelo alcance de seus enunciados e pela interdisciplinaridade de um método que deve buscar alianças com quantos saberes tenham seu objeto no estudo da escritura. (...) O que se pretende é desvelar cada um dos lugares, maneiras e gestos que historicamente têm regido as relações entre o mundo escrito e o mundo dos usuários, sejam estes, escritores, leitores habituais, pessoas de letras, ouvintes de peças lidas em voz alta, escreventes inexperientes ou consumidores de cordel. (...) o momento atual da história social da cultura escrita está determinado por três conceitos-chaves: os discursos, as práticas e as representações. De um lado interessa conhecer o que a escritura tem suposto para as distintas sociedades e, dentro destas, para as diferentes classes*

região abrigavam em 1997, mais de dois mil textos autobiográficos, como observou Lejeune (1997), anualmente são realizadas várias atividades coordenadas por Saverio Tutino como a publicação da revista "Prima Persona" e concursos de autobiografias. Por ocasião da entrega do Premio Pieve são promovidas mesas redondas, recitais com apresentação de textos, exposições e lançamento de livros. No catálogo de 2001, a exposição de documentos autobiográficos enviados durante o ano teve como título "Il tesoro dell' archivio".

Todas estas iniciativas evidenciam que a tarefa de constituição de acervos públicos desta natureza envolvem necessariamente profissionais de diferentes tradições disciplinares. [6] Tal compreensão tem inspirado os primeiros passos na busca de recursos, na promoção de exposições, concursos e publicações. Isto se deve ao fato de que a História da Cultura Escrita, [7] como sugeriu Antonio Vinão, longe de ser um campo reservado a determinados investigadores, já nasceu com uma vocação interdisciplinar:

Todos os que a abordam sabem, venham de onde vierem, seja qual for a sua formação, que precisam incorporar conhecimentos e estudos gerados em diferentes campos acadêmicos e institucionais. Que o seu contributo é necessariamente parcial e incompleto. Que, em definitivo, a história da cultura escrita exige o concurso de filólogos, linguístas, epigrafistas, paleógrafos, sociólogos, pedagogos, psicólogos, antropólogos e historiadores sócio-culturais, da literatura ou da educação, entre outros (2001, p. 6)

Em todos os impressos de divulgação examinados, ou na maior parte, também constata-se um esforço dos organizadores em dialogar com os titulares de arquivos familiares e pessoais visto que são o principais refúgios da escrita ordinária, da escrita infantil e, particularmente, da escrita escolar. Se os arquivos pessoais são constituídos por documentos reunidos e selecionados por indivíduos, os familiares são aqueles *gerados pelas atividades de uma pessoa ao longo de sua vida ou por distintos componentes de uma família através de gerações* (Gallego, 1993, p. 17 apud. Blasco, 2002, p. 393). Via de regra, segundo Blasco (*op.cit*), congregam documentos produzidos em variados suportes que foram produzidos e conservados em diversas épocas e que geralmente guardam informações que interessam particularmente aos estudiosos da cultura escrita na medida em que trazem informações mais diretas sobre o uso da escritura e o avanço desta prática na sociedade (*idem*, p. 400),

como cadernos de notas, diários, correspondência, agendas, cadernos escolares, entre outros.

A ênfase na sensibilização da população para encaminhar papéis guardados às instituições públicas também sinaliza para o fato de que arquivos familiares preservados no âmbito privado envolvem situações difíceis e complexas. Geralmente, há uma grande carga afetiva do/s responsáveis com a documentação acumulada. Estes arquivos guardam segredos, sonhos, expectativas, projetos, vidas, que obrigam pesquisadores comprometidos com a preservação da memória escrita a se colocarem no lugar daqueles que escreveram, conservaram e classificaram de formas muito próprias inúmeros papéis que cumprem a função social de edificar a memória pessoal ou familiar. [8] Esta é uma estratégia que chama a atenção para a fragilidade do suporte e a possibilidade de perda com o decorrer do tempo.

Alguns títulos tanto de exposições quanto de campanhas, remetem para um tempo fugidio e distante ou sugerem que cada um possui um tesouro, algo rico não só para si mesmo mas para a humanidade, que deve ser preservado, exibido, estudado. Nos impressos de divulgação, o uso de imagens de textos infantis, as fotografias do tempo escolar ou de diferentes suportes e utensílios da escrita, a reprodução de escritas ordinárias, parecem cumprir muitas vezes a finalidade de criar a identificação do visitante com a documentação exposta. Todos possuem em maior ou menor proporção a vida em papéis.

#### ESCRITAS ESCOLARES DE ALUNOS EM ARQUIVOS PESSOAIS: POSSIBILIDADES DE LEITURAS

Voltando à análise das exposições *Memória da Escrita Cotidiana e Papéis Guardados*, é possível afirmar que elas se constituíram em convite para que cada um transitasse pelas escritas íntimas, domésticas, de viagens, de crianças e jovens, de professores e alunos, em múltiplas leituras. Para aquelas que participaram da organização, alunos e alunas, foi uma oportunidade para examinar esta escrita ordinária das pessoas comuns, na qual estão presentes as marcas da escolarização, procurando refletir sobre a importância da escola como espaço de aprendizagem e exercício da escrita.

Os cadernos escolares ofereceram a possibilidade para a análise de letras trêmulas, borrões de tintas, traços vermelhos, decalques, adesivos, exercícios, bilhetes, elogios e reprimendas, que traduzem práticas educativas e, em especial, práticas avaliativas. As capas com símbolos, heróis nacionais, hinos pátrios, permitiram examinar princípios morais, políticos e pedagógicos. Dentre

*socialis. De outro é preciso indagar nas concretas maneiras de escrever e de ler e nas práticas a que tem dado lugar (desde a escritura oficial à pessoal, desde a inscrição ao diário, desde o manuscrito iluminado ao livro de bolso, desde o códice ao e-book, desde a leitura em voz alta à silenciosa, desde o gabinete à praça, e assim sucessivamente). E, ademais, devem contemplar-se também as várias imagens artísticas e literárias que cada sociedade elaborou dos produtos escritos, já que as mesmas podem refletir uma certa realidade ou bem uma determinada mentalidade. (Castillo Gómez, 2001, pp. 19-20)*

8 - Ver DAUPHIN, Cécile e POUBLAN, Danièle. 2002.

9 - A respeito desta coleção consultar: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Por trás do balcão: os cadernos da coleção cívica da Casa Cruz*. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara. (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005, v. III, p. 363-378; *Tangenciando imagens: bastidores da produção dos suportes da escrita escolar*. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARRETO, Raquel Goulart; ALVES, Nilda. (Org.). *Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 177-188. (prelo); *Um certo objeto-memória: apontamentos sobre cadernos escolares*. In: III Seminário Internacional Redes cotidianas de conhecimento e tecnologia: textos, imagens e sons. Rio de Janeiro: UERJ, 2005 (Cd-rom) e *Cadernos escolares nos traços de Manuel Mora*. In: VIII Congreso Iberoamericano de Historia da Educación Latinoamericana y del Caribe. Quito, set de 2005. Cdrom (prelo).

estas capas, destacam-se os cadernos da Coleção Cívica da Casa Cruz, [9] idealizada por Manoel Monteiro de Gouveia e ilustrada por Manuel Mora, que traziam estampados nas contracapas, os feitos daqueles que mereceriam ser conhecidos, respeitados, rememorados: Pedro Alvares Cabral, Martim Afonso de Souza, Tomé de Souza, Henrique Dias, Padre Antonio Vieira, João Fernandes Vieira, Felipe Camarão, Tiradentes, José Bonifácio, Dom João VI, Dom Pedro I, D. Pedro II, Benjamin Constant, General Osório, Raposo Tavares, Pereira Passos, Barão do Rio Branco, Afonso Celso, José do Patrocínio e a Princesa Isabel, entre outros. Da série *Os grandes productos brasileiros*, destacam-se o algodão, o mate e o fumo, sobre o mapa do Brasil que assinalava as principais regiões produtoras e um registro nitidamente ufanista sobre as riquezas do país. Composta por cerca de 60 modelos distribuídos em algumas séries: *Grandes vultos da História do Brasil*, *Homens ilustres do Brasil*, *Figuras ilustres do Brasil* e *Os grandes productos brasileiros*, esta coleção evidencia que, em outros tempos, o caderno escolar cumpria o papel de veicular fatos e nomes da história que deviam ser seguidos, imitados, cultuados.

Os cadernos de caligrafia, por sua vez, mais do que ensinar a ordem, a atenção e cuidado com a letra, também ofereceram a possibilidade de examinar, em suas frases edificantes a serem copiadas à exaustão, os valores que deveriam ser aprendidos e preservados: como *As ações virtuosas são sempre as mais nobres*, *Sejamos taes como desejamos que nos julguem*, *O vício não pode dar a felicidade a ninguém*, *Aprendeí a não vos gabar dos vossos méritos*, entremeadas de afirmativas de cunho religioso que diziam *Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria por Jesus*, *A primeira comunhão é o dia mais bello da vida*, *Quão bom é o Senhor para aquelles que o amam* ou *Deus quer que amemos nossos inimigos*, [10] entre outras.

Diferentemente dos arquivos escolares, repletos de documentos oficiais e sem registros de atividades que singularizam a instituição, nestes guardados, foi possível observar que folhas soltas rivalizam com os cadernos, evidenciando que o mimeógrafo, o computador, a xerox, alteraram os suportes da escrita e os usos do tempo escolar no cotidiano das salas de aulas.

Cadernetas escolares indicam que além de servir como instrumento de controle de frequência e divulgadora das normas disciplinares da escola, vêm se modificando e permitindo a utilização como passe livre em transportes coletivos, como instrumento que propicia descontos em atividades culturais e funciona como documento de identidade dos estudantes. Elo entre a escola e a família, têm uma escrita híbrida: de professores, alunos e responsáveis.



Contêm mensagens que informam, repreendem, punem, mas são, também, espaço para justificar, esclarecer, burlar.

Ainda em meio às escritas dos alunos, é possível encontrar registros de estágio de normalistas que trazem desde as características das turmas nas quais atuaram, relatos das atividades realizadas em sala de aula, como a descrição do modo de execução de material didático, tais como o quadro de pregas na qual há uma anotação detalhada passo a passo, incluindo o material e o modo de fazer. [11] Esta escrita sugere como até bem pouco tempo, a formação de professoras envolveu receitas, soluções, prescrições.

Junto com estas escritas que resultam das obrigações, sobrevivem, em arquivos pessoais, outras escritas que atravessam o espaço escolar por várias gerações como os cadernos de poesia, os cadernos de recordações e os cadernos de perguntas. Estas se constituem como escritas coletivas que visam imortalizar o tempo, preservar as experiências, impedir o esquecimento.

Finalmente é importante ressaltar que, via de regra, a escrita ordinária, na qual se inclui a escrita escolar, permite compreender a perspectiva daqueles que têm sido excluídos ou silenciados. Nesta perspectiva é que se pode compreender as impressões deixadas pelos visitantes que também se confessaram emocionados:

Eu gostei muito deste trabalho, pois sempre tive o hábito de escrever minhas experiências de vida e acho que isso desempenha um papel importantíssimo não só na minha vida, como na de muitas outras jovens. Me sinto contemplada em ver um trabalho que valoriza a escrita de muitos anônimos.

Ao entrar... sentimentos (Quanta emoção!)  
Vejo que tenho memórias e devo guardá-las. Ou melhor, estão em mim.

Não imaginava que meus guardados tivessem tanto valor documental. Sinto-me fazendo história! [12]

Os olhares atentos dos pesquisadores, por sua vez, vislumbraram as possibilidades de estudar, nestes escritos, metodologias de ensino, práticas educativas, usos da imagem na sala de aula, currículo, história das disciplinas, usos do tempo escolar, processos de alfabetização e de avaliação, práticas de escrita, entre muitos outros aspectos.

Professoras, particularmente, encontraram na exibição destes escritos a

10 - Ver 4º caderno do Novo Método de Calligraphia, editado pela FTD. s/d.

11 - Sobre cadernetas escolares e registros de estágio, consultar: Cadernetas escolares: instrumento de controle disciplinar? de Fernanda Grandini de Salles Motta e Vanessa Barreiros Santangelo e, também, Buscando caminhos do fazer pedagógico: registros da prática docente, de Beatriz Silva Bianque e Maria da Graça Santiago Barbuto (prelo).

12 - Impressões escritas por Aline Cristina C. Dantas, Vânia Morgado e Rosina Wagner, respectivamente.

valorização de seu ofício. Sentiram-se reconhecidas e reconheceram que precisavam se fazer ler para que seus anseios mais profundos, seus dilemas mais freqüentes possam ser levados em conta tanto nas políticas públicas quanto na produção de conhecimentos comprometidos com as mudanças que sonhamos. Descobriram que serão as maiores aliadas na preservação dos arquivos escolares e na educação das novas e futuras gerações sobre a importância da preservação da memória escrita.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONELLI, Quinto (a cura di). *Scritture di confine. Catalogo dell' Archivio della scrittura popolare*. Museu Storico in Trento. 1999. (CD ROM).

ANTONELLI, Quinto e BECCHI, Egle (a cura di). "Nota introduttiva". In: *Scritture bambine. Testi infantili tra passato e presente*. Roma-Bar, Laterza. 1995, pp.V-XVI.

BIANQUE, Beatriz Silva e BARBUTO, Maria da Graça Santiago *Buscando caminhos do fazer pedagógico: registros da prática docente*, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org) *Traços da escola: memória e escrita cotidiana*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, (prelo).

BLASCO MARTINEZ, Rosa Maria. "Los archivos familiares. Planteamiento general y cuestiones para el debate". In: SÁEZ, Carlos. (ed) *Actas Del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita*. Madri: Biblioteca Litterae: Calambur.V. II, 2002, pp. 391-404.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *[Memória da escrita cotidiana]*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. (folder da exposição).

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. "El tiempo de la escrita. A modo de introducción". In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (coord). *Historia de la cultura escrita: del próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada*. Gijón: Ediciones Trea, S.L. 2001. pp. 15-28.

\_\_\_\_\_. "Um archipiélago desconocido. Archivos y escrituras de la gente común". In: *Archivamos*. Revista Trimestral de archiveros de Castilla y Leon. 2000, ano 10. nº 38. pp. 4-11.

DAUPHIN, Cécile e POUBLAN, Danièle. "Maneiras de escrever, maneiras de viver". In: BASTOS, Maria Helena Camara., CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). *Destinos das letras: história, educa-*

*ção e escrita epistolar* Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2002, pp. 75-88.

JULIA, Dominique. "Documenti della scrittura infantile in Francia". In: ANTONELLI, Quinto e BECCHI, Egle (a cura di). *Scritture bambine. Testi infantili tra passato e presente*. Roma-Bar, Laterza. 1995, pp. 5-24.

LEJEUNE, Philippe. "O guarda-memória". In: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, 1997, pp. 111-120.

MACIEL, Francisca Isabel. *Ler, escrever e contar...[a história da alfabetização em Minas Gerais]*. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais: Museu da Escola/Centro de Referência do Professor, 2002.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. "Notas sobre escola, memória, escrita cotidiana". In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org) *Traços da escola: memória e escrita cotidiana*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, (prelo).

\_\_\_\_\_. "Por trás do balcão: a Coleção Cívica da Casa Cruz". In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara.(org) *Coleção Histórias e Memórias da Educação no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 2004, pp. 263-274.

\_\_\_\_\_. "Tangenciando imagens: bastidores da produção dos suportes da escrita escolar". In: OLIVEIRA, Inês B., ALVES, Nilda e BARRETO, Rachel Goulart. *Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens*. Rio de Janeiro: DP&A., 2005. pp. 177-188. (prelo).

\_\_\_\_\_. "A escrita nossa de cada dia: sonhos impressos em iniciativas de preservação da memória escolar". In: *II Seminário Internacional - as redes de conhecimento e as tecnologias: imagem e cidadania*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. (Cdrom)

\_\_\_\_\_. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: UERJ/Rede Sirius, 2003.

MONTINO Davide. "Il quaderno scolastico tra soggettività e disciplina della scrittura". In: CONTI, Piero, FRANCHINI, Giuliana e GIBELLI, Antonio (a cura di). *Storie di gente comune nell' Archivio della Scrittura Popolare*. Università degli Studi di Genova. Dipartimento di Storia Moderna e Contemporânea. Quaderni del Dipartaminto, 2002, pp. 139-184.

MOTTA, Fernanda Grandini de Salles e SANTANGELLO, Vanessa Barreiros *Cadernetas escolares: instrumento de controle disciplinar?*, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org) *Traços da escola: memória e escrita cotidiana*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, (prelo).

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. "As tramas do arquivo: reconstruindo o percurso de construção do Museu da Escola de Minas Gerais". In: FERNANDES, Rogério e FELGUEIRAS, Margarida Louro. (orgs). *A escola primária: entre a imagem e a memória*. Porto: Projecto Museu vivo, 2000, pp. 37-48.

VIÑAO, Antonio. "Por uma História da Cultura Escrita: observações e reflexões. Escola Superior de Educação de Santarém". In: *Cadernos do Projecto Museológico sobre Educação e Infância*. nº 77, V. 2001.